

## APRESENTAÇÃO

Alessandra Siqueira Barreto  
Rogéria Campos de Almeida Dutra

O processo de urbanização crescente que as sociedades industriais vêm assistindo ao longo dos últimos séculos estimulou a investigação das formas de vida resultantes da ordem econômica e social moderna por diferentes áreas das ciências sociais. A etnografia urbana, ou seja, o estudo sistemático e qualitativo da pluralidade de inserções e contextos produzidos pelo adensamento das populações em cenário de crescente divisão social do trabalho tem suas raízes no grupo de pesquisadores associados à Escola de Chicago cujos estudos apontaram caminhos variados de reflexão sobre os processos sociais no contexto urbano. Sem a pretensão de uma perspectiva que essencializa a cidade enquanto produtora de relações sociais específicas, pois de fato ela resulta de processos sociais e institucionais mais amplos, o contexto urbano se revela como esfera rica de reflexão sobre a convivência de diferentes “mundos sociais” demarcados por fronteiras não somente definidas de forma física e espacial como também simbólica.

A fabricação do urbano aponta para uma organização espacial que não é estática e muito menos homogênea, onde a desigualdade social, as singularidades culturais e as regularidades locais se apresentam. Compreender o “urbano” enquanto processo, e não como categoria, significa entendê-lo como área de interação confluyente da especialização de locais e instituições. Contudo, se por um lado o processo de racionalização e desenvolvimento tecnológico resulta maior possibilidade da homogeneização e padronização dos espaços, certamente as diferentes e desiguais inserções e formas de sobrevivência propiciam contextos diferenciados: formas de habitação e ocupação do espaço urbano, formas de trabalho e lazer, padrões de consumo e de sociabilidade, formas de associar-se e reformular vínculos e pertencimentos coletivos.

O presente dossiê traz como proposta a reflexão das dinâmicas interativas da vida urbana, em diferentes locais – Nova Delhi, Lisboa, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Uberlândia, Campos –, apresentando diferentes olhares para a diversidade da vida social e o desafio da convivência e integração coletiva nestes cenários. Procura também dar visibilidade ao trabalho de pesquisadores de variadas instituições que vêm se dedicando a investigar e compreender os processos sociais que se desenvolvem nestes contextos.

No primeiro artigo, por meio da narrativa do cotidiano urbano de Nova Delhi, Subhadra Mitra Channa aponta para a necessidade de se repensar a identificação da cidade como espaço da modernidade, racionalidade, organização, sistematização, padronização e controle da vida social. Seu relato traz a complexidade da convivência entre tradição e modernidade que acompanha a constituição da capital da Índia, e de todas as suas particularidades culturais, como metrópole.

Da Índia para o Brasil, Caterine Reginensi apresenta-nos a praia de Copacabana como espaço de socialização, práticas comerciais e experiências artísticas demonstrando-nos a intensidade de formas espontâneas de ocupação e interação neste espaço público, conduzindo a transformação das paisagens urbanas. Os artistas/ escultores de areia, seja em busca de visibilidade e reconhecimento, seja de integração ao circuito das trocas informais na praia, se tornam atores constituintes deste cenário contribuindo para a recomposição dos cenários da cidade.

O cenário do terceiro artigo é a cidade de Lisboa, apresentada por Renata de Sá Gonçalves que problematiza as definições e delimitações socioespaciais do bairro a partir das marchas populares, dando destaque à dimensão das experiências na significação dos lugares. Trazendo um tipo de associativismo específico, de viés recreativo e remetido a festividades denominadas de “populares” e “tradicionais”, a autora constrói seu argumento a partir da ideia de que as marchas realizam um “enquadramento ritual”

no contexto urbano, reorganizando apropriações e representações simbólicas da cidade, assim como faz emergir sensibilidades e experiências do e no espaço.

Alessandra Barreto e Felipe de Oliveira e Silva realizam a interseção entre a experiência urbana de descendentes de imigrantes em uma cidade mineira de porte médio (cerca de 700 mil habitantes) e os processos de constituição da proximidade, ou seja, da constituição de um coletivo: a Associação Nikkei de Uberlândia. Nesse artigo, os autores procuram apresentar a trajetória de criação e de encerramento de uma associação de descendentes de japoneses colocando em relevo a noção de mediação política e cultural, as dinâmicas de integração de grupos imigrantes e de suas sucessivas gerações, assim como a constituição de seus projetos e as possibilidades e limites da liderança e sua capacidade de reprodução para a compreensão do caso estudado.

Duas autoras dedicam-se, com suas contribuições, à temática da habitação no território urbano. Fernanda Delvalhas Piccolo procura apresentar resultados de suas investigações a respeito das ocupações punk na cidade do Rio de Janeiro, elegendo como foco principal as visões de mundo e constituição de identidades destes atores. Estas “okupações” trazem como motivação não somente busca por moradia, mas a ativação de um ethos mobilizador, onde “ter atitude” representa ressignificar estes espaços como área de lazer e expressão artística. Ana Paula Serpa Nogueira Arruda, por sua vez, analisa, através do ponto de vista dos moradores assistidos, o impacto das políticas de moradias populares na cidade de Campos de Goytacazes. Torna-se um desafio a estas políticas a condução do processo de remoção, de forma que se amenize a condição de ruptura social das populações deslocadas que acarretam seu distanciamento da memória local bem como dos laços comunitários.

A dimensão dos conflitos urbanos é retomada no artigo de Nilton Silva dos Santos ao lançar luz sobre as práticas regulatórias e de controle social operacionalizadas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro por meio da política intitulada de “Operação Choque de ordem. O autor traz para o debate a privatização dos espaços públicos e o impedimento do uso (da pluralidade de usos, na verdade) por outros atores sociais, o que Santos denomina de “usos rebeldes”. Os variados discursos são colocados em relação na constituição de uma arena pública que ganha mais intensidade frente a problemática dos megaeventos, que serão sediados na cidade, suscitando a reflexão acerca da relação entre interesses públicos e privados, políticas públicas e direito à cidade.

Vanessa Andrade Pereira nos traz um estudo sobre sociabilidade juvenil a partir do mapeamento de um rede juvenil na cidade de Porto Alegre (RS) que cria, aprofunda ou redefine seus laços de proximidade a partir de um jogo digital multiusuário, o *game* Tíbia. Assim, a autora busca refletir acerca da mediação da tecnologia de comunicação e informação no cotidiano desses jovens, da ampliação de seus “contextos relacionais”. A *lan house* surge então como um lugar singular de observação e de ação no cenário urbano.

Juliana G. Melo procura abordar uma temática das inserções indígenas nas cidades brasileiras através da realidade dos índios Baré na cidade de Manaus. Como cidadãos urbanos, estes índios partilham dos mapas da desigualdade da inserção neste território, constituindo, contudo, um imaginário próprio sobre a cidade a partir de sua própria cosmovisão.

Por fim, Rogéria Dutra e Nadia Oliveira Vizotto Ribeiro trazem artigo que se propõe a discutir a constituição do campo de pesquisas antropológicas nas cidades brasileiras, a partir de uma análise do processo de constituição da antropologia no Brasil e do contexto de desenvolvimento da Antropologia Urbana em nossa sociedade.

Esperamos que a diversidade e a riqueza etnográficas apresentadas neste dossiê possam estimular reflexões e despertar ainda mais interesse na exploração das múltiplas faces do urbano e das cidades, seus processos e dinâmicas, seus objetos, grupos e pessoas.